

**ANACLETA PIRES DA SILVA:
CORPO, (RE)EXISTÊNCIA E
TERRITÓRIO QUILOMBOLA COMO
UM ACONTECIMENTO QUE
ECLODE NA DEFESA DA VIDA
DIGNA NA AMÉRICA LATINA**

ANACLETA PIRES DA SILVA: BODY,
(RE)EXISTENCE AND QUILOMBOLA
TERRITORY AS AN EVENT THAT BREAKS
OUT IN THE DEFENSE OF A DIGNIFIED
LIFE IN LATIN AMERICA

Dayanne da Silva Santos

Mulher negra, poetisa, mãe e de terreiro. Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS e membro do Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA/UFMA). Contato: lavignedayanne@gmail.com

Anacleta Pires da Silva

Mulher negra, educadora popular, ativista dos direitos humanos, integrante do GEDMMA/UFMA, pedagoga formada pela UFMA e liderança quilombola do território Santa Rosa dos Pretos. Contato: pires.s.anacleta2020@gmail.com

Julio Itzayán Anaya López

Cursante do seminário Feminismos negros: perspectivas críticas desde América Latina y el Caribe. Doutorando em Ciências Sociais na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Licenciado e Mestre em Antropología Social pela Escuela Nacional de Antropología e Historia (ENAH/México). Contato: enahcai55@gmail.com

Resumo: Nascida da força da encantaria, da luta por territórios livres e em território atravessado pelas lógicas dos projetos desenvolvimentistas, território quilombola Santa Rosa dos Pretos, no município de Itapecuru-Mirim, estado do Maranhão, Brasil. Dona Anacleta fala! Ela mesma vai fazendo análises sistêmicas e cotidianas sobre autonomia, resistência e cura diante de uma sociedade marcada pelo mito da democracia racial, pelo racismo. Anacleta enquanto narra formas cotidianas de resistir e de existir, ela nos mostra como mulheres negras estão desde a margem fazendo o uso político do corpo para existir diante do paradigma da exclusão racial no Brasil. Vozes pretas, afro-pindorâmicas fazem nascer diariamente um novo dia, a esperança. Essas vozes narram territórios dinâmicos e guiados por ontologias outras, que emanam das relações com os encantados do Tambor de Mina. Compartilhamos aqui uma entrevista insurgente realizada no dia 20 de janeiro de 2021, em plena pandemia mundial provocada pela Covid-19. A história de vida será contada pela própria Dona Anacleta, conversa que foi realizada pelo aplicativo WhatsApp e transcrita na íntegra. “Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer? É lutar sem medo, sem medo de ser mulher¹!”

Palavras-chave: História de vida. Subjetividade. Corpo. Território.

Abstract: Born from the force of enchantment, from the struggle for free territories and in a territory crossed by the logistics of developmental projects, Santa Rosa dos Pretos quilombola territory, in the municipality of Itapecuru-Mirim, state of Maranhão, Brazil. Anacleta speaks! She herself carries out systemic and daily analyzes on autonomy, resistance and healing in the face of a society marked by the myth of racial democracy, by racism. Anacleta while narrating everyday ways of resisting and existing, she shows us how black women are from the margins making political use of the body to exist in the face of the paradigm of racial exclusion in Brazil. Black, Afro-Pindoramic voices give birth

¹ Cantiga popular sempre entoada junto com tambores e maracás nos encontros dos povos e comunidades tradicionais do Maranhão.

to a new day daily, hope. These voices narrate dynamic territories guided by other ontologies, which emanate from the relationships with the enchanted ones of Tambor de Mina. We share here an insurgent interview carried out on January 20, 2021, in the midst of a global pandemic caused by Covid-19. The life story will be told by Dona Anacleta herself, a conversation that was carried out by the WhatsApp application and transcribed in full. “To change society the way we want? It's fighting without fear, without fear of being a woman!”.

Keywords: Life history. Subjectivity. Body. Territory.

ESCREVIVER: ações de Re(Existência) desde o território quilombola Santa

Rosa dos Pretos²

Em Santa Rosa dos Pretos ‘quilombo’ é entendido como um lugar de liberdade, onde as forças coletivas se mantêm através das resistências cultural, econômica e política. É um espaço sagrado e de proteção demarcado pelos negros, ou melhor, pretos revoltados, frente ao amaldiçoado tráfico negreiro imposto pelos brancos europeus, que violaram sua condição humana, econômica e cultural.³

“Eu costumo dizer que eu não nasci rodeada de livros, eu nasci rodeada de palavras. Essa condição, ela aguçou meu ouvido, por exemplo, eu tenho um encantamento com as palavras”⁴ (Conceição Evaristo). Assim como Conceição, muitas de nós, **mulheres negras, crescemos** rodeadas de palavras de mulheres comuns, que são potentes em configurar perspectivas outras de acesso à vida boa/comum/comunitária.

Essa sensibilidade aguçada vem do nosso engajamento político enquanto ativistas e do nosso embate diário contra o racismo. A escrevivência é um conceito dinâmico e nasce nessa possibilidade de falar/escrever/narrar/teorizar a partir de nossas experiências de mulheres negras, ou seja, escrever partilhando experiências desde nossas pretas velhas silenciadas no processo de formação da Nação brasileira,

² MAPA – COMUNIDADE QUILOMBOLA Santa Rosa dos Pretos – Itapecuru Mirim/MA. *Nova Cartografia Social da Amazônia*, 19 jul. 2020. Disponível em: <http://novacartografiasocial.com.br/download/mapa-comunidade-quilombola-santa-rosa-dos-pretos-itapecuru-mirim-ma/>. Acesso em: 18 out. 2022.

³ SILVA, Anacleta Pires da. *Resistência e trajetória de luta pela regularização fundiária do território quilombola Santa Rosa dos Pretos*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia da Terra) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017. p. 14.

⁴ TV PUC-RIO: A “escrevivência” na literatura feminina de Conceição Evaristo. *Youtube*, 16 maio 2017. Publicado por TV PUC-Rio, vídeo son., 14min58s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z8C5ONvDoU8>. Acesso em: 20 fev. 2021.

até o canto dos ERÊS (crianças) que estão nascendo. Nesta entrevista é isso que tecemos com a liderança quilombola Anacleta Pires⁵, partilhamos experiências de re(existência) da defesa dos quilombos do Brasil.

Nesse sentido, a prática de escrever é uma forma de se expressar trazendo para o texto a potência política e poética do protagonismo do povo negro, é dinâmica, no caso aqui apresentado, percebendo as inscrições do nosso corpo de mulher negra em lugares de dor/poder em território atravessado pelas políticas desenvolvimentistas. Está em jogo observar o corpo em campo, corpo negro feminino, quais corporeidades são tecidas, o que de político há nelas na produção do território quilombola?

O Território quilombola de Santa Rosa dos Pretos foi criado a partir da invasão dos portugueses no território, que é dito hoje como brasileiro. Sabemos que este ato ilícito foi premeditado por ter como a porta de entrada os interesses europeus com a visão de explorar este tão falado Brasil descoberto. Mas o certo seria dizer que o Brasil seria de terras invadidas pela cobiça das riquezas naturais, o país se fez a partir de uma série de ações racistas que junto com o processo de criação do país oficializaram o estupro de corpos não branco e sua objetificação como medidas civilizatórias. Nesse contexto, ocorre a busca forçosa pelos negros do continente africano e o tráfico de pessoas trazidas de diferentes países e etnias de nossa mãe África nos porões sujos e sombrios dos navios negreiros. Esse era um mercado valioso para o desenvolvimento do Brasil como Nação. A Nação brasileira se forjou sobre o mito da democracia racial, com processos violentos de branqueamento do país, esses processos continuam até hoje. A modernidade pensada de cima para baixo sustenta a exploração de outros povos em plena contemporaneidade.⁶

Nesse contexto e em toda a América Latina mulheres plurais e diversas estão diariamente acionando seus corpos como morada, território, instrumento político para denunciar múltiplas violências que ameaçam futuros fraturados pelas opressões que perpassam o racismo. Em especial, destacamos aqui uma de muitas conversas de pé no chão com a mestra Anacleta Pires, que canta com a mãe terra para curar o mundo. As mulheres negras e quilombolas que vivem em territórios ameaçados pela expansão de um desenvolvimento econômico que coloca em risco a vida de pessoas e de uma

⁵ DIÁLOGOS: DESAFIOS DOS quilombos no Brasil. *Youtube*, 12 dez. 2018. Publicado por UnBTV, vídeo son., 17min23s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I91KTECUS4c>. Acesso em: 25 set. 2022.

⁶ SILVA, Anacleta Pires da; SANTOS, Dayanne da Silva. *Terra de Encantados: a luta pela permanência no Território Quilombola Santa Rosa dos Pretos (Itapecuru-Mirim/MA)*. São Paulo; Porto Alegre: Hucitec, 2020. p. 12. Disponível em: <https://lojahucitec.com.br/produto/terra-de-encantados-a-luta-pela-permanencia-no-territorio-quilombola-santa-rosa-dos-pretos-itapecuru-mirim-ma-anacleta-pires-da-silva-dayanne-da-silva-santos/>. Acesso em: 26 set. 2022.

natureza que é viva estão na linha de frente se organizando em comunidade para compor um hoje e um amanhã onde pássaros, gentes e encantados dialogam juntos/as na defesa dos territórios quilombolas do Brasil e do mundo, pois onde as leis não chegam ou são violadas, o corpo feminino, negro e quilombola é o documento que legitima um cenário de lutas decoloniais.

Das escutas com Anacleta observamos um emaranhado de conexões com o feminismo tecido por mulheres negras no mundo. Elas e nós com elas enunciamos que as mulheres negras dentro de um contexto social e religioso há muito tempo estão ocupando espaços de liderança, muitas vezes invisibilizados pela estrutura colonial patriarcal que se materializa nos documentos oficiais e nas tomadas de decisões políticas. Tal violência as silenciam e as rebaixam a uma única condição: cuidadoras da família heterogênea tradicional (homem e mulher) com papéis sociais bem definidos.

Em *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, Lélia Gonzalez, militante do movimento negro, antropóloga e intelectual negra brasileira, destaca que,

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular.⁷

As violências que interpelam o corpo negro são históricas e estruturais. O lugar de enunciação aqui da palavra é o “**lugar de linha de frente**” na defesa do território quilombola e de mais de oitocentas famílias que lá vivem.

Em diálogo com o pensamento de bell hooks⁸ destacamos que as ideias levantadas pelas feministas negras são importantes na luta por mudança social, no sentido de que o pensamento feminista são ações e teorias em constate processo de elaboração, a fim de romper com os silêncios, as violências e a negação de direitos. Muitas mulheres são revolucionárias em suas ações cotidianas independente dos

⁷ GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, ANPOCS, p. 223-244, 1984. p. 224.

⁸ HOOKS, bell. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.; HOOKS, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

nomes que assumem quando estão juntas, assim, é importante pensarmos os feminismos das ações de (re)existir nos corpos, territórios, nos terreiros, nas casas, nas cozinhas etc.

Está em jogo pensarmos a política do corpo território, que ganha dimensões de humanidades outras em processo de interação tanto com pessoas como com os encantados⁹. Nessa possibilidade do reconhecimento de humanidades que são tecidas dessas ações de (re)existir, que outras territorialidades eclodem tencionando a estrutura hegemônica branca vigente nas relações de poder.

Anaclea nos ensina que uma das formas da escravidão está na não titulação das terras quilombolas. A não titulação possibilita que elas sejam o tempo todo vendidas, invadidas e cercadas por fazendeiros, Estado e por projetos de desenvolvimento econômico. A morte dos igarapés afeta diretamente a continuidade da vida das famílias no território quilombola, na medida em que é deles que provém a vida. A escuta das teorias escritas por Anaclea abre caminhos para ensaiar aproximações mais produtivas, sempre entendendo as lutas e os processos de re(existência) como um acontecimento que eclode a partir das longas lutas pela vida digna.

Nesse sentido, segue a entrevista como um acontecimento que nos permite vislumbrar futuros possíveis.

⁹ Entidades da religião afro-brasileira, Tambor de Mina religião afro-brasileira.



Anacleta Pires – Foto: Joécio Pires (2021).

“Sou Mulher negra, quilombola, educadora popular, defensora popular de direitos humanos e da natureza, lavradora, poetisa, coureira, compositora e cantora, instrumentista, nascida e criada no Território Quilombola de Santa Rosa dos Pretos, Itapecuru-Mirim/Maranhão. Filha de mãe África, descendente de escravizados e escravizadas nas senzalas. Segunda filha de Libânio Pires e Adalgisa Pires, trabalhador e trabalhadora rural na agricultura familiar, ambos guardiões da natureza. Por conta do sofrimento causado a mim e a meu povo, me doei e me dedico até hoje na luta em prol da vida. Essa caminhada é seguida de respeito as minhas ancestralidades enquanto fonte e fortalecimento da espiritualidade. Sou pedagoga formada pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), pelo curso de licenciatura em pedagogia da terra organizado pelo PRONERA. Sobre essa formação quero destacar que ela foi muito importante para mim, mas, seguida de muita dor. A dor está no racismo que povoa nosso sistema educacional,

principalmente por conta de todo o processo de precarização da educação, ainda mais da educação no/do campo, marcado pelo racismo estrutural e institucional que torna mais difícil o acesso a uma graduação a nós pessoas negras e pretas. Denuncio um abandono e destaco a importância de mais políticas de inclusão e permanência rumo a uma universidade mais humana. Entrei em 2009 no Programa Nacional de Reforma Agrária (PRONERA) e com muita dificuldade só consegui me formar em 2017, tempo esse, que eu poderia já ter feito meu mestrado. Hoje tenho 54 anos, sou professora e planto amor e revolução. Nessa caminhada agradeço em nome do Horácio Antunes e da Cíndia Brustolin, a família de pesquisadoras/es do Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente¹⁰ (GEDMMA/UFMA), do qual faço parte.”

O que é ser mulher para você? E qual o lugar da mulher no território quilombola?

“Ser mulher pra mim, em primeiro lugar é se entender enquanto fonte de alimento, fonte geradora. Essa mulher fornece vida e quando ela fornece vida, ela tem que ter o compromisso pela vida do cuidar. Então é muito forte o reconhecimento de ser mulher. A mulher em primeiro lugar, a mulher 70% ela tem a responsabilidade vital do nosso social e do nosso ambiental, por meio do seu valor de ser mulher e se sentir a mãe sagrada enquanto sua protetora, a terra é sua protetora, é quem nos protege, então nós somos parte dela. Assim, ser mulher é se sentir capaz de cuidar de si e cuidar dos outros que são fruto de si.

O lugar da mulher no território quilombola (risos) aí Jesus... é o lugar de frente. Ela tem que ser a linha de frente, ela é a experiência do caminhar a partir dos seus atos de organização, de reconhecimento e afirmação do seu papel enquanto responsável pelo envolvimento em defesa da nossa vida. A mulher tem que ser linha de frente.

Então, a mulher enquanto linha de frente, ela tem que se ver como eu já disse para todos. O que eu quero dizer com isso, que ela tem que se importar com a vida do seu semelhante, lutar pelo seu semelhante, entender a sua vida em defesa dos seus, daqueles que ela teve a competência de no máximo nove meses gerar um ser que deveria ser humano, mas como eu já disse, as travas da maldade desequilibram o poder da mulher, e a mulher perdendo isso, ela não consegue manter o equilíbrio do seu entendimento. Então, temos que quebrar essas travas e

¹⁰ Mais informações em: CONHEÇA O GEDMMA. *Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente*, São Luís, © 2020. Disponível em: <https://gedmma.webnode.page/sobre-nos/>. Acesso em: 23 set. 2022.

dar continuidade ao nosso dever e direito enquanto mulher na linha de frente.”

Quando/como você começou a lutar por seu território? Quais os fatores que ajudaram você a se engajar na defesa do seu território?

“Eu acredito que eu comecei a lutar quando eu entendi a dor do sofrimento causada no meu corpo e na minha mente, a partir da falta de alimento, da falta de saúde, da falta de afetividade familiar, da desestruturação humana e social do nosso povo. Eu comecei muito cedo essa causa, e acredito que aos 7 anos eu já despertava para isso porque já acompanhava minha mãe para ir pra vida sofrida de uma roça, de um pescar, de um lavar uma roupa sem sabão e nisso entendia que diante do que os meus olhos mostravam a fantasia dos embelezados nós deveríamos ter uma outra estrutura. Então a partir disso do que eu sentia diante das necessidades humanas eu via que nós tínhamos que ter uma outra estrutura. A partir disso que eu comecei a lutar pelo meu território, mas como corpo exposto foi a partir dos meus 16 anos, quando comecei juntamente como o meu pai foi que eu comecei a exposição do meu corpo, que já era os acirrados das lutas pela regularização fundiária do território e enfrentando o maior inimigo da população ou nossa que chama-se pelos diplomatas, de poder, poder jurídico de gestão e dentre outros.

Então nisso a gente era atacado 24h e até hoje essa história é reproduzida, porque nada mais de que isso é a escravidão silenciada que ainda permanece hoje com arma de fogo, a gente que conhece, que sente a nossa história, a gente está em uma escravidão silenciada e daquilo que era disso ameaça, hoje são ataques. A partir do que a gente ver hoje, os ataques são os massacres descaradamente e sem hora, porque toda hora é hora pra isso a partir do entendimento dos inchaços das grandes cidades e das cadeias sem mais lugar para nada e isso nada mais é que entender os ataques 24h na nossa vida pela luta do território. Assim, quando eu falo da nossa vida é porque temos que entender que somos corpos relacionados, ninguém vive sozinho, nem luta sozinho, porque se alguém vivesse e lutasse sozinho tudo acabava no corpo morto, mas não acaba, porque tudo vem de geração em geração. Então é preciso que se tenha esse entendimento.

Sobre os fatores que me levam a lutar, eu vejo que é o fator vida, então é esse fator que me permite lutar. E defender o território é defender a vida, e a vida ela tem preços iguais, tão prova é que ninguém nasce tão diferente enquanto a vida, ela nos permite a respiração, e quem nasce com vida todos nascem assim RESPIRANDO, RESPIRANDO. Então, essas transformações elas se dão no desenvolvimento, que é o que mata, porque se ela viesse pelo envolvimento daria para todo mundo estar sem estar sofrendo pela falta de garantia de direito, porque direito todo mundo nasce

como seu e cada um tem o seu, é por isso que nem tudo que é certo para alguém é tudo certo para o outro e muita das vezes o que é certo para uns é errado para outros, e disso dar para se entender que os nossos direitos vitais tem formas diferentes de tratar. Muitas coisas que servem para uma pessoa, não servem para o outro e aí que nós deveríamos entender, num é? As diferenças e as necessidades para cada dito humano manter aquilo que é direito garantido, ou seja, a vida.”

Como é ser mulher negra na luta? Poderia nos contar algum episódio que você tenha sofrido algum preconceito por ser mulher?

“Ser mulher negra na luta é coragem em primeiro lugar, doação de vida pela vida, porque quem doa vida mantém vida. Entendendo isso que doar vida pela vida é dizer que a vida formal nada mais é que o fruto do desenvolvimento onde se troca o real pelo formal, e aí a gente perde a sensibilidade e passa a viver por aparência, assim é importante ter cuidado com essa passagem do real para o formal quando você se doa na luta pela vida.

Sofrer pelo preconceito, né? Contar um episódio é manter o entendimento do racismo, que ele norteia a marginalização, não é, e o preconceito do que ouve e do que vê e não mostra o do sentir que é a convivência. O que quê muita das vezes, pra quem não sabe que o que diz o que é o nosso sentimento, que não é somente o ouvir, nem o ver. Veja eu sou muito taxada diante do que traz o racismo de confusão, de confusão, de criadora de problemas. Então, isso aí é uma situação que é do dia a dia, do dia a dia. Só que essas questões, elas não me incomodam em parte, num é? Pra desespero da vida, pra deixar de lutar pela vida, mas ela me entristece, pela colonização tão perversa que encucaram mazelas, educaram mazelas psicológicas no povo. Primeiro o que fizeram foi adoecer o nosso povo. Então, eu me empodero, mesmo triste eu me empodero, porque eu tenho convicção de que estou no lugar certo e estou fazendo um trabalho em prol de mim e dos meus. Então a gente sofre isso, eu sofro isso no dia a dia e o que mais me entristece porque muita das vezes quem mais insulta é quem deveria ser mulher. Por que somos humilhadas pela questão do gênero num é? Como por exemplo, uma vez uma funcionária, num é? Da dita Vale, essa empresa maldita, que pra nós num vale nada, pra mim não vale nada, aonde uma funcionária disse que eu era a famosa. A famosa (a gente ri porque não acredita no que ouve) E aí eu me perguntei por que ela também não se denominou de famosa, já que trabalha para quem nos oprimi. Não, com tanta gente ali, ela direcionou essa ofensa pra mim, ela direcionou a mim, e eu fiquei me perguntando cadê o ser mulher dela, num é? E outro episódio foi uma juíza fazendo uma reconciliação também com a maldita, dita Vale que pra mim não vale nada, aonde ela falava desrespeitando ao ser mulher, ela esqueceu que ela antes era uma mulher e passou a ser uma juíza, quando ela reafirmava que ela estava ali com o

poder de autoritarismo e ainda me mandando baixar a voz lá na audiência e chegou a falar que ela esquentar do banco pra defender lei, pra defender a lei. E eu revalidava dizendo pra ela, não chamando ela de autoridade, chamei ela foi de tu mesmo (fiquei com raiva), chamei de tu mesmo, eu chamei ela, porque se ela perdeu o valor do ser mulher, eu não tenho motivo pra obedecer quem perde o valor, eu sou obediente a quem tem valor.

Nessa audiência eu dizia pra ela que nós sociedade do abandono a gente compreendia tudo isso, sabe? Compreendia tudo isso. Agora que eu não tinha esquentado o banco, como eu usei a palavra: “como tu esquentou!”, mas eu estou a defender a minha vida e a vida do meu povo. E acabou, não é? Ela saiu do gabinete e eu continuei falando até o final o que eu tinha para dizer e a escritã dela ficou registrando tudo. Então, é o meu dia a dia isso (risos), isso pra mim não me incomoda pra regredir com a luta, só me deixa tristeza, né? Que é isso que eu falo, essa dor do sofrimento de tanta maldade que fizeram a partir do sequestro da nossa mãe África.

E ainda para acrescentar aí um pouquinho nessas violações, um dia eu me encontrava com meu netinho no hospital e uma funcionária, no qual ela tava lá com uma planilha pegando o nome das pessoas diz que para servir alimento, ela passou por mim, mas não falou nada, na questão do olhar, da leitura do olhar foi que eu entendi o racismo. Veja ela foi nas outras companheiras que estavam lá, nós éramos cinco pessoas, ela foi em uma com menos melanina na pele e fiquei observando ela e depois ela foi aonde as outras muito rápido e quando ela se aproximou de mim, ela virou uma estátua. E aí depois ela se expressou com um tom de revolta pra mim, se virou e disse: “Você ao menos sabe assinar seu nome?”. Isso eu dava com meu neto nos braços e de cabeça baixa, aí eu suspendi a vista que eu tinha observado ela, eu já tinha sentido que ela tinha entrado ali e já tinha contraído ali diante do que do que ela estava prevendo na minha imagem, não é? E aí eu suspendo a vista e disse pra ela: “Se eu sei assinar o nome eu não garanto, agora eu quero te dizer que eu sou pedagoga. Ave Maria (risos) essa caneta quase caiu com a planilha da mão dela (risos).

Isso prova a leitura da essência e a leitura da aparência, não é? Que é isso que eu trato muito do real com o formal, né? Porque esse formal é artificial! Então, eu sou pra quem me conhece, muito humilde, pé descalço, porque nada vou levar do embelezamento das fantasias, eu quero levar a minha espiritualidade do que está dentro de mim, eh do cuidar, do cuidar em primeiro lugar.”

Em sua opinião, qual o lugar que a mulher negra ocupa na produção de conhecimento hoje? E qual sua importância?

“Então, a mulher negra ainda hoje, num é? Ocupa um lugar na produção de conhecimento, um lugar ainda de recusa, um lugar de silenciamento, né? Então essa mulher ainda está nesse lugar, mas isso é o lugar, não é o que ela tem, porque a mulher negra, o que ela tem é aquilo que eu falei do direito veio com ela. Agora, pra tudo tem que ter o tempo, tem que ter o tempo. Nada sem tempo, nada sem tempo. Então, a mulher, ela precisa entender, o seu tempo de inspirações do que ela tem com ela, do que ela nasceu, que são os seus conhecimentos naturais e seus conhecimentos naturais, ele perpassa de tudo que já vem se falando das relações, das relações que ela tem a partir de si dos seus sentimentos que é a partir dos seus sentimentos. Então, esse lugar ainda ela precisa fazer a travessia, atravessar, atravessar. E ela só faz, nós só fazemos isso, nós enquanto mulher negra, por meio da coragem e do acreditar do seu ser mulher enquanto linha de frente, e nós precisamos urgentemente, isso é coisa do ontem, do agora precisamos entender as nossas posições mediante os nossos conhecimentos, o qual é a nossa importância enquanto o papel da mulher que é essa mulher que tem tempo, que responde com o tempo, essa mulher de prontidão, essa mulher de compromisso, essa mulher de consciência e a consciência em primeiro lugar. Porque quando a gente tem consciência do seu eu, do que posso e do que devo a gente consegue se envolver, se envolver e só através do envolvimento é que aparece nas suas ações, a sua importância, a sua importância, porque se a gente ficar na teoria e não fazer a junção da teoria e da prática, porque o conhecimento tem que ser, tem que estar na teoria, e tem que estar na prática que é ação pra gente poder recuperar a nossa importância. Essa importância passa por isso de ter coragem. Então, eu tenho a coragem de ser mulher! Tem um cântico que diz assim: ‘Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer / É lutar sem medo, sem medo de ser mulher / Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer / É lutar sem medo, sem medo de ser mulher.’”

Como podemos articular as experiências das mulheres para combater as violências e as desigualdades sociais no Brasil e na América Latina?

“Eu acredito que a nossa articulação nada mais é do que as conexões. As conexões e as trocas, as trocas de experiências pra que a gente possa cada vez mais, sempre estar nos reafirmando, porque essa reafirmação que eu falo é nós estar nos relacionando para que a gente possa manter garantias. O que é essa garantia? Segurança! Nós temos que ter segurança no ser mulher, pois segurança mesmo é você poder dizer: ‘eu sou mulher, nasci pra ser mulher e vou fazer o meu papel de mulher!’. E pra isso, você tem é que ter coragem, coragem minhas irmãs, porque é a coragem que nos leva a acreditar no que somos, no que temos, para que nós possamos se envolver no que nos inspira.

Veja, isso é uma questão que nos responde o nosso sentimento e quando esse sentimento responde a nossas boas ações, ele vem através das

nossas potencialidades adquiridas pelos nossos relacionamentos nessa luta. Então, essa desigualdade, essa violência, ela vive permeando/aumentando é por falta, é por falta de coragem para nós reafirmar o nosso papel de mulher. Então nós temos que enfrentar o que está nos matando, o que vem nos matando e vai nos matar sempre se nós não agirmos com a coragem.

A gente sempre vai estar cúmplices ao que mata, ao que viola, ao que faz essa mazela da desigualdade social se nós não agir em comunidade. Então, pra finalizar é dizer que a mulher precisa ter AUTONOMIA diante do seu ser mulher e autonomia do seu ser mulher é ter a contraposição do projeto da morte, é se contrapor ao projeto da morte, porque a mulher ela é a base vital do ser humano, é ela que é a base vital. Então, ela precisa, ela precisa estar se reafirmando nessa contraposição dessa violência e dessa desigualdade tão maléfica e perversa no Brasil e na América Latina.

E fora desses dois contextos Brasil e América Latina, porque a mãe terra, ela é terra universal, é o espaço sagrado. Não podemos nos unificarmos pensando somente nesses dois contextos, nós temos que defender o todo e é a vida da nossa mãe sagrada, a TERRA. A partir disso, dessa luta e coragem é que vamos ter mais vida e dar mais vida a nossas futuras e presentes gerações.”

Entoando considerações

*Â é mamãe África somos suas filhas mais você não nos criou
 Â é mamãe África somos suas filhas mais você não nos criou
 Fomos arrancadas dos vossos seios
 E escravizadas nos engenhos dos senhores
 Fomos arrancadas dos vossos seios
 E escravizadas nos engenhos dos senhores
 (Música – Anacleto Pires)*

Asè!

Referências

CONHEÇA O GEDMMA. *Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente*, São Luís, © 2020. Disponível em: <https://gedmma.webnode.page/sobrenos/>. Acesso em: 23 set. 2022.

DIÁLOGOS: DESAFIOS DOS quilombos no Brasil. *Youtube*, 12 dez. 2018. Publicado por UnBTV, vídeo son., 17min23s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I91KTECUS4c>. Acesso em: 25 set. 2022.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, ANPOCS, p. 223-244, 1984.

HOOKS, bell. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MAPA – COMUNIDADE QUILOMBOLA Santa Rosa dos Pretos – Itapecuru Mirim/MA. *Nova Cartografia Social da Amazônia*, 19 jul. 2020. Disponível em: <http://novacartografiasocial.com.br/download/mapa-comunidade-quilombola-santa-rosa-dos-pretos-itapecuru-mirim-ma/>. Acesso em: 18 out. 2022.

SILVA, Anacleta Pires da. *Resistência e trajetória de luta pela regularização fundiária do território quilombola Santa Rosa dos Pretos*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia da Terra) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

SILVA, Anacleta Pires da; SANTOS, Dayanne da Silva. *Terra de Encantados: a luta pela permanência no Território Quilombola Santa Rosa dos Pretos (Itapecuru-Mirim/MA)*. São Paulo; Porto Alegre: Hucitec, 2020. Disponível em: <https://lojahucitec.com.br/produto/terra-de-encantados-a-luta-pela-permanencia-no-territorio-quilombola-santa-rosa-dos-pretos-itapecuru-mirim-ma-anacleta-pires-da-silva-dayanne-da-silva-santos/>. Acesso em: 26 set. 2022.

TV PUC-RIO: A “escrevivência” na literatura feminina de Conceição Evaristo. *Youtube*, 16 maio 2017. Publicado por TV PUC-Rio, vídeo son., 14min58s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z8C5ONvDoU8>. Acesso em: 20 fev. 2021.